



Morgadio de Atães: um percurso de investigação

Séculos XVI-XVII

No Antigo Regime, a família operou como uma entidade fundamental de coesão e definição dos destinos dos seus integrantes. No seio das famílias de elite, o pai não só decidia o futuro dos seus filhos, como transmitia o seu nome, a memória dos antepassados aos vindouros, o património material agregado ao longo de gerações. Foi neste contexto que a fundação de vínculos (morgadios e capelas) se tornou essencial para garantir todas estas formas de transmissão e permitir a ascensão social de várias famílias. O caso sobre o qual nos debruçamos, o do morgadio de Atães, administrado pela família dos Homem Carneiro, coloca vários problemas, uma vez que não foi encontrado o documento de instituição do vínculo. Na ausência deste documento, a análise incidirá sobre outras fontes documentais, tais como um testamento, uma licença para a construção de capela na Quinta de Atães e um instrumento de doação entre dois familiares. Recorremos, ainda, à análise de outras fontes secundárias e relatos de habitantes da localidade de Atães, freguesia de Jovim, concelho de Gondomar. Iremos explorá-los adiante.

Os membros da família Homem Carneiro destacaram-se como gente da elite da cidade do Porto, ocupando cargos de governação naquela câmara, desempenhando importantes funções militares e religiosas, desenvolvendo uma ampla clientela entre a comunidade local e estabelecendo alianças com outras famílias através de matrimónios vantajosos. Entre as personagens de maior relevo nesta família encontramos Nuno Homem, vassalo de D. Dinis; Gonçalo Anes Homem, alcaide-mor de Viseu, nomeado por D. Fernando; Henrique Homem Carneiro, proprietário da quinta de Atães, que se destacou como militar e ocupou cargos importantes, como os de procurador do Porto às Cortes de 1562 e guarda-mor da saúde daquela cidade, em 1566; ou Pedro Homem Carneiro, membro da Ordem de Cristo desde 1585 e capitão de uma Companhia de Ordenanças na cidade do Porto, em 1597 (CAMPO BELO, 1955: 92-100).

Diogo Homem Carneiro foi, sem dúvida, um dos elementos importantes desta família, tendo desempenhando o cargo de vereador da Câmara Municipal do Porto e detendo o foro de fidalgo da Casa Real. Além disso, acumulou vasto património com a sucessão de prazos e aquisição de propriedades. No testamento que redigiu com sua mulher, D. Ana de Calvos, em 1622, fundou um morgadio com a “quinta de Mozelos, sita na freguesia de São Martinho de Mozelos da terra da Feira” e com “o casal de Vila Verde, da freguesia de Lourosa” (CAMPO BELO, 1955: 193). O vínculo passaria a Henrique Homem Carneiro, seu filho, estando ele e seus descendentes obrigados a mandar rezar 14 missas anuais pelas suas almas, no mosteiro de São Francisco do Porto. Esta capela ficou posteriormente conhecida como “capela do morgado de Atães”, conforme está indicado na entrada que a refere, num dos tombos de capelas do convento de São Francisco do Porto, feito no século XIX (ADP, *Convento de São Francisco*, Tomo quarto dos títulos de capelas e legados, K/20/6 – 96, fl. 412).

Já quanto à Quinta de Atães, poucas referências foram encontradas relativas à possibilidade de pertencer a um morgadio. Através de uma licença pedida por Francisco Pereira de Vasconcelos, em 1708, para a construção de uma nova capela naquela propriedade, ficamos a saber que aí já existia uma outra capela da invocação de Nossa Senhora das Neves, erigida durante o bispado de D. Rodrigo da Cunha, no século XVII (CAMPO BELO, 1956: 119-120). Um outro Francisco Pereira de Vasconcelos, neto do primeiro, refere-se a si mesmo como “senhor de sua casa de Atães, morgados e prazos, e mais propriedades a ela anexas” num instrumento de doação, nomeação e obrigação, datado de 1754, pelo qual deixava todos os seus bens a seu irmão, Diogo Homem Carneiro Leite, em virtude de estar para entrar na Ordem de Malta (CAMPO BELO, 1956: 145-150).

No entanto, outros estudiosos consideram que as terras de Atães que pertenceram aos Homem Carneiro de Vasconcelos não estavam incorporadas num morgadio administrado pela família. No século XIX, Pinho Leal indicou que o morgadio de Atães mais não seria do que um conjunto de prazos perpétuos, passados de geração em geração (LEAL, 1875: 531-532).

O certo é que a Quinta de Atães continua a ser um lugar de grande importância histórica para a comunidade local. A título de exemplo, note-se que os avós de alguns dos alunos da turma lembram a quinta como espaço de produção agrícola e a sua capela, que

esteve sempre aberta a atos religiosos públicos, como casamentos e novenas. Este edifício tem-se ainda notabilizado como estação de partida da via-sacra integrada nas festas locais em honra de Nossa Senhora das Neves (relato de Jacinta Neves, recolhido em 10/12/2023).

O presente Vínculo do Mês foi elaborado no contexto do concurso Cria Vínculos com a História.

Escola: AEG1/Escola Secundária de Gondomar.

Turma: 11.º 9.

Docente: Maria Inês Ferreira de Oliveira.

Alunos: Afonso França, Ana Raquel Santos, Anita Ferreira, Ariana Castro, Bruna Sousa, Carlos Campos, Diana Moura, Filipa Silva, Inês Paz, Lara Breyd, Lara Pinto, Luana Teixeira, Lucas Rocha, Nuno Pereira, Vladyslav Vinsky.

Coordenação: Maria de Lurdes Rosa, Fábio Duarte, Leonor Dias Garcia.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Arquivo Distrital do Porto, *Convento de São Francisco*, Tomo quarto dos títulos de capelas e legados, K/20/6 – 96. [16/02/2024] Disponível em <https://pesquisa.adporto.arquivos.pt/details?id=779656>.

CAMPO BELO, 4.º Conde de – Homens de Atães. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto. Vol. XVI, n.º 1-2 (1953), pp. 90-123.

CAMPO BELO, 4.º Conde de – Homens de Atães. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto. Vol. XVIII, n.º 1-2 (1955), pp. 191-196.

CAMPO BELO, 4.º Conde de – Homens de Atães. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto. Vol. XIX, n.º 1-2 (1956), pp. 119-120; pp. 145-150.

LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho – *Portugal Antigo e Moderno. Dicionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico...*, Volume 7, Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1875, pp. 531-532.

OLIVEIRA, Camilo de – *O concelho de Gondomar. Apontamentos monográficos*. Vol. I. Porto: Imprensa Moderna, 1932, pp. 359-364.

